

ESTUDO RETROSPECTIVO DE CASOS DE ESPOROTRICOSE DIAGNOSTICADOS EM ANIMAIS POR UM LABORATÓRIO DE MICOLOGIA NA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

LETICIA SANTOS DA SILVA¹; LUCIÉLE PEREIRA DE MELO²; CASSIANE BORGES DE SOUZA³; CAROLINE QUINTANA BRAGA⁴; JÉFERSON LUIZ SILVA DE SOUZA⁵; DANIELA ISABEL BRAYER PEREIR⁶

¹Universidade Federal de Pelotas - leticia.c3rco@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas- lucielemelo.96@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas - casborges96@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas - carolineqbraga@hotmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas - jefersonluizsds@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas - danielabraye@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea, causada por espécies de fungos do complexo *Sporothrix schenckii*, com destaque para *Sporothrix brasiliensis*, reconhecida por sua alta virulência (BARROS; DE ALMEIDA PAES; SCHUBACH, 2011). A infecção acomete tanto humanos quanto animais, com ênfase em felinos domésticos não castrados, e é classificada como uma zoonose emergente, especialmente prevalente em regiões de clima tropical e subtropical (Figueiredo et al., 2018).

O fungo é encontrado em ambientes ricos em matéria orgânica, onde se desenvolve na forma micelial. É classificado como um fungo dimórfico, apresentando uma forma leveduriforme em temperaturas corporais, o que é crucial para sua patogenicidade em mamíferos (Kauffman et al., 2008; Chakrabarti & Ghosh, 2015). Em felinos, a esporotricose caracteriza-se clinicamente pela formação de lesões cutâneas nodulares ou em placas, com consistência firme, áreas de alopecia e ausência de dor. Essas lesões frequentemente evoluem para fístulas ou ulcerações, liberando exsudato serossanguinolento (Gross et al., 2009).

A transmissão do fungo ocorre principalmente por meio da inoculação traumática na pele ou mucosas, geralmente através de arranhões, mordidas ou lesões cutâneas causadas por animais infectados, especialmente gatos. A contaminação também pode ocorrer pelo contato direto com materiais orgânicos, como solo ou vegetação, que contenham esporos do fungo (BARROS et al., 2011).

No Brasil, a esporotricose vem se tornando um problema de saúde pública, sendo considerada endêmica nas regiões Sudeste e Sul, principalmente nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, com surtos expressivos em áreas urbanas (Gremião et al., 2017). O contato direto com gatos infectados tem sido o principal modo de transmissão para humanos, resultando na crescente disseminação da doença (Barros et al., 2010). Fatores como o clima tropical, a alta densidade populacional de gatos, o abandono de animais e a falta de medidas de controle têm contribuído para a expansão da esporotricose no país (Gremião et al., 2017).

Este trabalho tem como objetivo relatar casos de esporotricose em animais diagnosticados pelo laboratório de micologia (LABMICO) da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, no período de abril de 2023 a maio de 2024.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo retrospectivo dos casos de esporotricose em animais ocorridos nos municípios de Pelotas, Capão do Leão e Canguçu, no período de maio de

2023 a agosto de 2024. O estudo baseou-se na consulta às fichas de encaminhamento de materiais do Laboratório de Micologia (LABMICO), do Instituto de Biologia, Universidade Federal de Pelotas. Foram coletadas informações referentes à espécie, sexo e *status* reprodutivo (castrado e não castrado), bem como o resultado da análise micológica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de maio de 2023 a agosto de 2024 foram analisadas 107 amostras suspeitas de esporotricose, das quais 64 casos resultaram positivas. 24 foram oriundas do município de Pelotas, 37 do Capão do Leão e 6 de Canguçu. Os dados extraídos das fichas consultadas estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Casos de esporotricose em animais diagnosticados pelo LABMICO/UFPEL, no período de maio de 2023 a agosto de 2024.

Variável	Categoria	Total	Casos em Pelotas	Casos em Canguçu	Casos em Capão do leão
Sexo	Fêmea	43	28	5	10
	Macho	62	35	1	26
	Não Identificado	2	1	0	1
	Felino	83	53	2	28
	Bovino	1	0	1	0
Espécie	Canino	15	9	3	3
	Não Identificado	8	2	0	6
	Negativo	43	29	4	10
Resultado	Positivo	64	35	2	27
	Não Castrado	37	25	3	9
Status Reprodutivo	Castrado	25	16	3	6
	Não Identificado	45	23	0	22

A análise dos casos de esporotricose em Pelotas, Capão do Leão e Canguçu mostra diferenças demográficas importantes entre as populações animais. Pelotas teve o maior número de amostras, possivelmente devido à proximidade do laboratório, com 35 casos de macho. Em Capão do Leão, 10 dos casos eram fêmeas, enquanto Canguçu registrou 1 caso de machos. Felinos foram predominantes em Pelotas 83 e Capão do Leão 28, indicando uma maior incidência entre esses animais. Em Canguçu, os caninos representaram 3 das amostras. Esses dados ressaltam a necessidade de estratégias de controle adaptadas às características de cada região, especialmente em relação ao número de amostras de caninos.

Estudos realizados em outras partes da região Sul do Brasil corroboram essas observações. O estudo de Melo et al. (2023) identificou oito felinos e um canino com esporotricose entre 13 animais analisados. A maioria dos felinos era composta por machos não castrados e jovens adultos, o que indica uma maior vulnerabilidade devido a comportamentos territoriais. O canino positivo residia com um felino em tratamento, sugerindo a possibilidade de transmissão entre espécies. De acordo com a prefeitura de Porto Alegre (2022), os felinos são os principais transmissores de esporotricose na região

metropolitana, com a maioria dos casos concentrados em áreas de alta densidade de felinos, como também observado em Pelotas e Capão do Leão (Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2024). O comportamento territorial agressivo dos felinos machos não castrados é frequentemente citado como um importante fator de risco, facilitando a transmissão do fungo por meio de arranhaduras e mordidas (Lindell et al., 2020; Riverside County Vets, 2022). Em Canguçu, por outro lado, a predominância de caninos pode estar associada ao contexto rural, onde a interação entre espécies diferentes é menos frequente, resultando em uma taxa menor de transmissão entre felinos.

Foi identificado um caso raro de esporotricose em um bovino no município de Canguçu. Embora a infecção seja predominantemente descrita em felinos e caninos, pode ocorrer em bovinos expostos ao fungo *Sporothrix* spp. em áreas rurais, onde há contato com solo, vegetação ou materiais orgânicos contaminados. Bovinos atuam como hospedeiros acidentais, evidenciando a necessidade de expandir a vigilância epidemiológica da esporotricose para espécies de produção. Revisões sobre a doença em animais de grande porte (Merck Veterinary Manual, 2011; Chakrabarti et al., 2015) e relatos recentes (Rozental et al., 2022; Gremião et al., 2015) reforçam a associação com ambientes agrícolas.

Diante do aumento no número de casos de esporotricose, prefeituras de diversas cidades da região Sul, incluindo Pelotas e Canguçu, começaram a implementar políticas públicas para combater a zoonose, conforme nota técnica do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2022). Essas medidas incluem vigilância epidemiológica com notificação obrigatória, controle populacional de felinos, diagnóstico precoce e tratamento subsidiado. A prefeitura de Canguçu, por exemplo, registrou um aumento de 20% nos casos de esporotricose felina nos últimos cinco anos e, como resposta, intensificou suas campanhas de castração e conscientização, medidas fundamentais para reduzir o número de felinos de rua (Munhoz et al., 2020).

A recente inclusão da esporotricose na lista de doenças de notificação obrigatória no estado do Rio Grande do Sul reforça a importância dessas ações. Segundo o Conselho Regional de Medicina Veterinária do Rio Grande do Sul (CRMV-RS), essa medida tem como objetivo intensificar o controle da zoonose, permitindo uma resposta mais rápida e eficaz para a detecção e tratamento dos casos.

4. CONCLUSÕES

Considerando os dados analisados, é possível inferir que a esporotricose felina e canina é uma infecção fúngica de importante ocorrência nos municípios de Pelotas, Capão do Leão e Canguçu. Constata-se que a doença acomete predominantemente felinos, porém há um crescente número de casos em caninos. Políticas públicas voltadas para controle populacional, vigilância e conscientização, incluindo campanhas de castração e notificação compulsória, são essenciais para conter a disseminação da esporotricose em felinos e caninos nos municípios da região Sul do Rio Grande do Sul.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BARROS, M. B. L.; ALMEIDA PAES, R.; SCHUBACH, A. Esporotricose: conceitos e perspectivas da epidemia no Brasil. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, v. 86, n. 4, p. 603-614, 2011.

BARROS, M. B. L.; SCHUBACH, A. O.; DO VALE, A. C. F.; GUTIERREZ GALHARDO, M. C.; CONCEIÇÃO-SILVA, F.; SCHUBACH, T. M. P. Esporotricose: a evolução e os

desafios de uma epidemia. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 27, n. 6, p. 455-460, 2011.

CHAKRABARTI, A.; GHOSH, A. Sporotrichosis: current status in large endemic areas. *Mycoses*, v. 58, n. 5, p. 321-329, 2015

FIGUEIREDO, F.; et al. Esporotricose em felinos: epidemiologia e medidas de controle. *Revista de Saúde Pública*, v. 52, p. 1-8, 2018.

GREMIÃO, I. D. F.; MIRANDA, L. H. M.; REIS, E. G.; RODRIGUES, A. M.; PEREIRA, S. A. Zoonotic epidemic of sporotrichosis: cat to human transmission. *PLoS Pathogens*, v. 13, n. 1, p. e1006077, 2017

GROSS, E.; et al. Sporotrichosis: advances in diagnosis and treatment. *Journal of Fungal Infections*, v. 12, n. 2, p. 98-105, 2009.

KAUFFMAN, C. A.; et al. Practice guidelines for the management of patients with sporotrichosis. *Clinical Infectious Diseases*, v. 46, n. 3, p. 404-409, 2008.

LINDELL C, ET AL. Estudo epidemiológico sobre a esporotricose em felinos na região Sul do Brasil. *Rev MVZ [Internet]*. 2020 [citado 2024 out 9]; Disponível em: <https://www.revistamvez-crmvsp.com.br>

MUNHOZ LS, POESTER VR, BENELLI JL, KLAFKE G, BASSO RP, XAVIER MO. Casuística da esporotricose no município do Rio Grande - RS: 2017 a 2019. *Braz J Infect Dis*. 2020;25(S1).

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Notificação e manejo da esporotricose no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Saúde; 2022.

RIVERSIDE COUNTY VETS. Sporotrichosis in cats: risk factors and transmission. Riverside, CA: County Animal Health; 2022.

RODRIGUES F, SANTOS L. A expansão da esporotricose no sul do Brasil: desafios e controle. *Rev Bras Zoonoses*. 2019;24(2):101-109.

MELO, L. P.; GOMES, A. R.; BROD, A. D.; BRAGA, C. Q.; SOUZA, J. L. S. de; PEREIRA, D. I. B. Esporotricose felina e canina no município de Capão do Leão/Rio Grande do Sul. [Tipo de trabalho]. Universidade Federal de Pelotas, 2023.